

E-BOOK 2
Consulado Geral
do Líbano
RJ



TEMAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

ESPECIALISTAS, ACADÊMICOS E LÍDERES RELIGIOSOS



CONSULADO GERAL DO LÍBANO
RIO DE JANEIRO



As opiniões nesse ebook são única e exclusivamente de responsabilidade dos autores

E-BOOK 2 Temas em Tempos de Pandemia
Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro

Pág 3- Pandemia: A descoberta do mundo interno
Angela Atta

Pág 4- Como chegar ao amanhã
Antônio Carlos Miguel

Págs. 5 a 7- As Projeções em Meio a pandemia:
Covid-19 no Mundo e no Brasil
Claudia Chueri Kodja

Pág 8- A Grande Tribulação
Dom George Khoury

Pág 9 - Covid 19: A Crucificação que será seguida
pela Ressureição
Dom Theodore Elias Ghandour

Pág 10- "E tudo se torna bom para quem ama a
Deus..."
Dom Edgard Madi

Pág 11- Informação segura: ativo intangível nas
crises
Marisa Avogadro Thomé

Págs 12 a 15 - Reflexões sobre a vulnerabilidade
Dr. Roberto Curi Hallal

Pág 16- O caráter das redes sociais na pandemia
Alice Bulus

Pág 17- As relações humanas pós-Covid-19
Marco Antonio Bulus Maiolino

Pág- 18- O Novo Mundo
Adel Abou Rejeili

Pág- 19- Os sem Nome
Maria Fernanda Diehl Bitar



Pandemia: A descoberta do mundo interno

Angela Atta

Um ser invisível, microscópico, e um turbilhão de emoções, de sentimentos. Medo, palavra-chave, ancestral do desconhecido, nos remete ao desequilíbrio do nascimento. No ventre materno, necessidades satisfeitas, deparamo-nos de repente com um mundo novo e precisamos respirar e lutar pela vida.

Vemos essa situação se repetindo nesse momento que estamos vivendo. Dependendo de cada estrutura e dinâmica psicológica, estamos vivenciando Síndrome do Pânico com seus sintomas físicos se fazendo presentes. Aos poucos vamos tentando nos adaptar à essa situação, mas o turbilhão de emoções e sentimentos nos acompanham (medo, tristeza, raiva, tédio etc.).

Por enquanto, o remédio recomendado é o distanciamento social e ao mesmo tempo o paradoxo a aproximação intensa com as pessoas que habitam o mesmo espaço. Esse confinamento vem trazendo algumas surpresas (boas e não tão boas). Surgem conflitos e atritos, uns realmente novos e outros, apesar de conhecidos, bem mais acentuados.

Gratas surpresas também estão sendo conhecidas ou reconhecidas através desse contato mais acentuado, propiciado por um maior contato e disponibilidade. Uma oportunidade de se aprofundar relações, tornando-as mais verdadeiras.



Sentimos falta de nossas famílias e amigos, apesar de que os recursos tecnológicos vem amenizando e aproximando distâncias. Novamente essa tristeza de não podermos estar com pessoas que nos são caras, dependendo da estrutura de cada um, pode acentuar um processo depressivo preexistente.

E os que estão sozinhos (solidão ou solitude) - Solidão se refere a dor de estar sozinho e a solitude - o prazer de estar sozinho, nesse momento de afastamento social, tendem a revalorizar o abraço, o outro, sentem falta da liberdade do ir e vir que ameniza a solidão;

agarram-se ao celular (objeto transicional, ursinho de pelúcia?) configurando-se como uma ligação de segurança, depósito de memórias e de referências da própria identidade. Por fim, um ser invisível (vírus) tornando visível o nosso mundo interno.

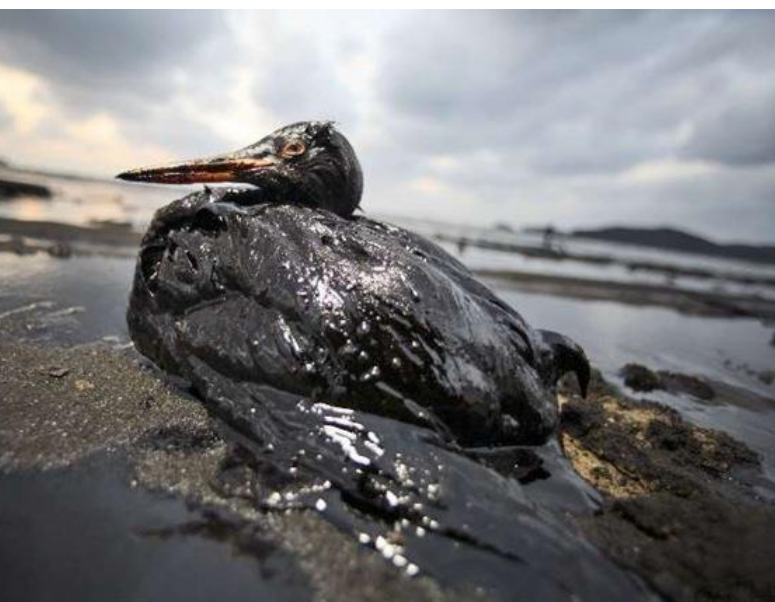
Angela Atta
Psicóloga

Como chegar ao amanhã

Antônio Carlos Miguel

A má notícia é que se depender do histórico da humanidade o mais provável é as lições do novo Coronavírus serem ignoradas. Mas, esse é um jogo em andamento, depende de cada um tentar mudar para melhor e são muito fortes os argumentos a favor da razão. A tragédia, que continua (e não se sabe ainda até quando), é grande demais para ser negada.

Num momento em que crescem fundamentalismos religiosos de todas as vertentes, teorias como as do terraplanismo e do movimento contra as vacinas, a Ciência é o principal instrumento para superar a grave crise e encontrar nova forma de viver na Terra. Médicos, enfermeiros, pesquisadores, epidemiologistas, cientistas de diferentes áreas trabalham por isso. Enquanto tantos outros ajudam se mantendo isolados, seguindo a quarentena, um recurso que há séculos tem servido para preservar a vida dos humanos em tempos de pandemia.



Por mais que ambientalistas viessem alertando, o risco de uma catástrofe ambiental devido ao aquecimento global era entendido como algo distante. Problema que, egoistamente, jogaríamos nos colos de nossos filhos e netos, ali no fim de século XXI. Políticos, economistas, empresários e tantos outros homens de poder tinham como resposta às teses dos ecologistas a máxima de que “o trem da economia não pode parar”.

A boa notícia pode estar sendo gerada nesses meses tão inusitados e cruéis: não só é necessário como estamos vivenciando ser possível diminuir o ritmo. O mundo pós-Covid-19 tem que ser reconstruído em novas bases, e em eternos valores. Menos consumo e mais solidariedade é um dos lemas. Menos investimento em armamento e maior cooperação entre as nações. Menos é mais deve ser o mantra no novo normal.

No calor da hora, nesse momento em suspenso da quarentena, um dos mais fundamentais pensadores contemporâneos do Brasil, Ailton Krenak, lançou o ensaio “O amanhã não está à venda” (Companhia das Letras). Representante dos povos originais da terra que chamamos Brasil, e que tão bem recebeu gente de todas as partes do planeta, recolhido na reserva Krenak no Vale do Rio Doce, Ailton liga o sinal de alerta:

“Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. (...) Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo. Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e que devemos seguir nos devorando. Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira”.

Mentira ou verdade? Mais uma vez, depende de cada um. E, juntos poderemos encontrar a resposta.

Antônio Carlos Miguel

Jornalista

As Projeções em Meio a pandemia: Covid-19 no Mundo e no Brasil

Claudia Chueri Kodja

Não há um modelo que possa estimar o nível de recessão ou o percentual de queda do crescimento econômico, advindo desta crise sanitária, provocada pelo Covid-19. A pandemia levará a um choque tanto do lado da oferta, quanto do lado da demanda. A produção será limitada, pela redução do trabalho e a demanda será restrita, pela falta de renda e liberdade. Nenhum modelo é capaz de capturar os dois choques, simultaneamente, e levar a projeções confiáveis. Mesmo assim, a rodada de apostas foi aberta.

Os economistas do banco JPMorgan profetizam uma queda de 2% do PIB dos EUA. no primeiro trimestre e 3%, no segundo. Para a zona do euro imaginam uma contração de 1,8% e 3,3%, nos mesmos períodos. Já o Goldman Sachs reduziu drasticamente sua previsão de crescimento econômico nos EUA, espera que o PIB norte americano caia 24%, no segundo trimestre de 2020.

Uma queda dessas estabeleceria um recorde – seria quase duas vezes e meia a queda de 10% ocorrida em 1958, em função da Gripe Asiática (H2N2) que matou 2 milhões de pessoas. As primeiras estimativas da Barclays Capital, após a Covid-19, apostavam em um crescimento econômico de 3,2% para a China, em 2020, mas a última atualização já reduziu a aposta para apenas 1,3%. Se modelos de projeção não abrigam tantas premissas e não oferecem um guia confiável do futuro próximo, poderíamos apelar a experiências semelhantes do passado.

As crises sanitárias recentes levaram a atividade econômica a um movimento em forma “V”, ou seja, um deslocamento abrupto da produção no período de um semestre e a absorção do choque em um prazo semelhante, após o cancelamento das restrições.

No entanto, a duração desta epidemia não pode ser comparada as anteriores ou ter a sua duração assegurada, até o momento. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), a duração dessa pandemia dependerá de quanto tempo levaremos para atingir o pico de contaminação; de quantas ondas de contaminação deverão ser controladas; qual o grau e por quanto tempo a imunidade dos sobreviventes está garantida e principalmente, por quanto tempo conseguiremos manter as pessoas em isolamento social e inativas economicamente. [\(cont\)](#)

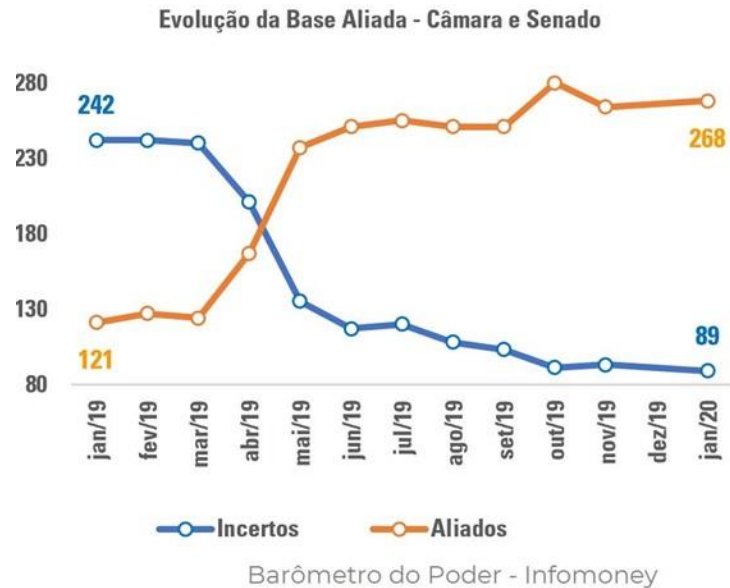
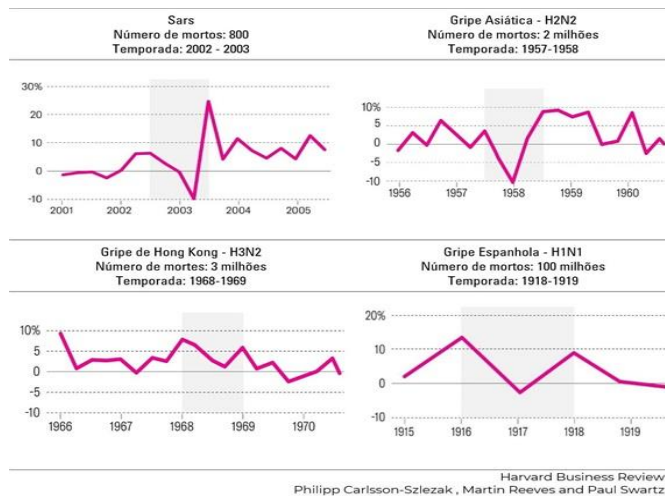


As Projeções em Meio a pandemia: Covid-19 no Mundo e no Brasil

Com honestidade, só é possível garantir que o mundo entrará em recessão econômica pelos próximos 6 meses, sendo o processo de retração mais ou menos destrutivo ao bem estar social e a recuperação futura, conforme a habilidade do poder público de implementar medidas emergenciais, que garantam o consumo básico dos cidadãos e a liquidez das empresas.

No Brasil - *“The problem with political jokes is they get elected” – Henry Cate VII*

Com relação ao Brasil, ainda são poucos os lances em torno do crescimento econômico, após a Covid-19. Apenas UBS, de forma apressada e bastante otimista, ajustou o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, para 0,5% em 2020. Mesmo antes da pandemia, as projeções se comprometiam com níveis de crescimento entre 2,3% e 2,5% ao ano para o Brasil, ou seja, mais que o dobro do crescimento de 1,1%, alcançado em 2019. Investimentos que levem ao crescimento de uma economia, dependem de um ambiente político estável e coordenado, algo que ainda não conseguimos construir, após as eleições de 2018.



Neste sentido, antes dessa crise sanitária, o crescimento da economia brasileira em 2020 estaria limitado ao intervalo de 1,3% a 1,6% ao ano, alcançado pela reintegração de um grande estoque de capital físico e humano ocioso e não da adição de novos valores a economia brasileira.

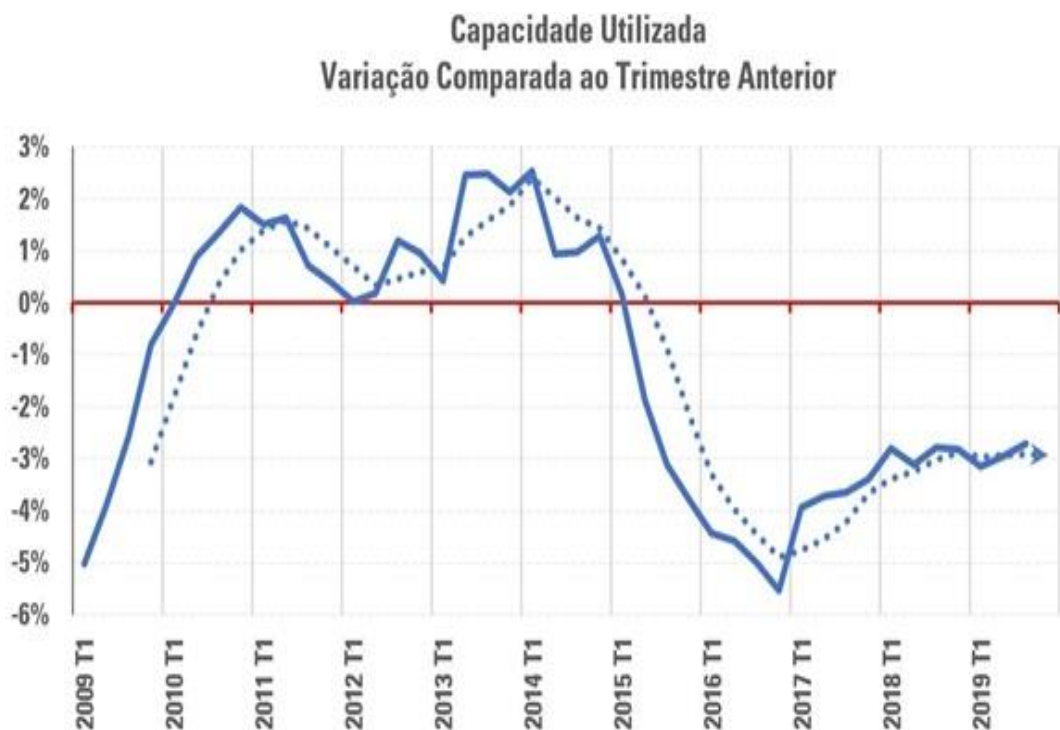
Neste sentido, antes dessa crise sanitária, o crescimento da economia brasileira em 2020 estaria limitado ao intervalo de 1,3% a 1,6% ao ano, alcançado pela reintegração de um grande estoque de capital físico e humano ocioso e não da adição de novos valores a economia brasileira. O risco trazido pelo Covid-19 para economia brasileira é colossal. Adia a agenda de reformas que poderia trazer mais competitividade ao país, interrompe o esforço de recuperação das contas públicas, e exposição de forma definitiva, as fragilidades políticas e técnicas do Presidente da República e de seu Ministério da Economia. Em meio a uma crise onde não existem certezas, o discurso do presidente da república diverge dos líderes internacionais, confronta o legislativo, desautoriza seus ministros, coloca em risco o sistema de saúde e dispersa suas próprias bases. (cont)

As Projeções em Meio a pandemia: Covid-19 no Mundo e no Brasil

Na economia, o Corona-19 evidenciou o repertório limitado do ministro Paulo Guedes, pautado por sua experiência na administração privada, pouca prática política e insuficiente em política alocativa, distributiva e de rendas. Suas sugestões na composição das reformas são apêndices descartadas pelo legislativo por falta de consistência, como foi o caso do sistema de capitalização na reforma da previdência e a tributação sobre operações financeiras, no caso da proposta de reforma tributária.

Com a crise trazida pela Covid-19, o ministro da economia deixa transparecer a falta de conhecimento sobre a sociedade brasileira e a máquina pública. Embora a duração da epidemia não possa ser assegurada, a recuperação econômica brasileira não seguirá o padrão observado nas crises sanitárias anteriores, quando a partir do controle da pandemia é possível uma recomposição acelerada dos indicadores de crescimento. Se antes da Covid-19 estávamos limitados a um crescimento baixo, devido à falta de habilidade do governo em formar alianças e operacionalizar um plano de recuperação econômica abrangente, após os confrontos e as desautorizações assumidas na condução desta crise sanitária, estamos expostos ao desmanche do poder executivo, a ocorrência de conflitos sociais e a estagnação econômica.

Cláudia Chueri Kodja
Economista



Fonte IPEADATA – Elaborado pela Autora.

Visões dos bispos das Igrejas orientais em tempo do Coronavirus

Dom George Khoury

A Grande Tribulação

A crise mundial provocada pela pandemia COVID-19 vem causando um caos na sociedade. Neste grave momento, o mundo está mergulhado na incerteza do que irá acontecer amanhã.

A crise nos coloca em provação, pois sabemos que ela não irá desaparecer ou ser resolvida rapidamente. Estamos diante de um cenário perplexo, que deixou o mundo paralisado, prestes a perder a fé.

Essa doença mostrou a fragilidade, a fraqueza e a pequenez da estrutura humana, mas a fé nos faz ver que ainda não é o fim, por isso não deixem seu coração perturbado, tenham fé em Deus. Devemos aumentar a nossa fé Naquele que veio para dar a vida em abundância.

Olhando essa crise por um ângulo diferente, percebemos como o ser humano tornou-se mais sensível, mais solidário e mais reflexivo, pois, neste momento, devemos aumentar a nossa fé, o socorro vem do alto.

A Igreja, mesmo fechada tornou-se Igreja Doméstica; a família, apesar das dificuldades enfrentadas diariamente, voltou a se reunir novamente, na fração do pão e na partilha, a ser mais solidária com o próximo e com os mais necessitados.

Ela voltou a experimentar de novo o amor de Deus para a construção de um mundo melhor. Mundo de justiça, de fraternidade, de paz, de fé e de esperança.

Era necessário que algo acontecesse para nos mostrar que nada deve nos perturbar, ainda não será o fim. Se cada um fizer a sua parte, a nossa história poderá ser melhor, pois o que precisamos hoje é a força do coração.

Dom George Khoury

Arcebispo da Eparquia Greco-Melquita Católica do Brasil



Visões dos bispos das Igrejas orientais em tempo do Coronavirus

Dom Theodore Ghandour

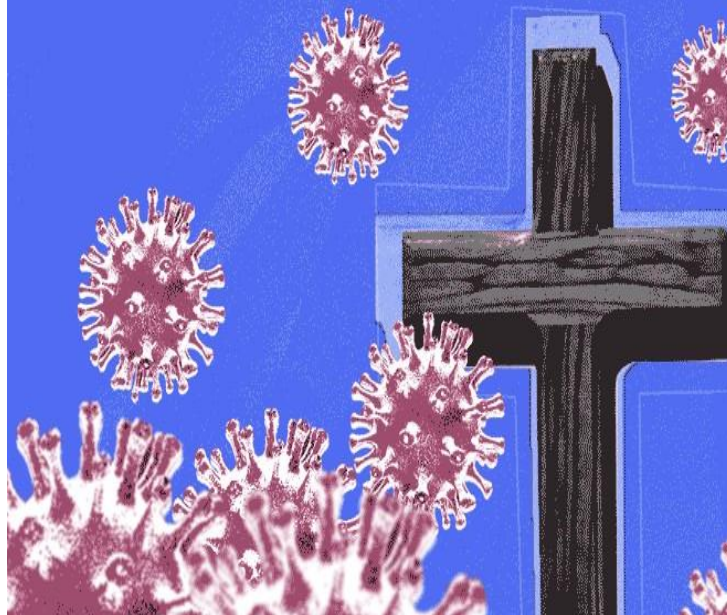
Covid 19: A Crucificação que será seguida pela Ressureição

Quanto espaço para discussão para a igreja durante uma crise de saúde global, quando milhares de mortes estão enervando a população? Quando a ciência pede ao mundo que seja paciente porque ainda não encontrou a medicação certa para combater o vírus? Quando a maioria dos países, especialmente os fracos, sem infraestrutura moderna, não conseguem lidar com isso? E quando as pessoas se voltam para a igreja em meio a essa crise existencial: como ela reage?

O COVID-19 apresentou um desafio imediato à Igreja. A igreja está sacrificando algo e espero que ajude, não para provar que a igreja está certa, mas porque a sociedade se beneficiará.

Se a COVID-19 nos obriga a fechar temporariamente nossas igrejas, percebemos que agora temos uma igreja em todos os lares. No tempo das distâncias entre as pessoas, todos somos relacionados pelo poder da oração. Muitas de nossas famílias voltaram a orar juntas à noite e organizaram um local especial para orações com ícones e velas e....

Eu acredito que a última palavra será a vontade de Deus.



Ele vai acabar com esse vírus no momento certo. Então, por que temos que orar e perguntar a ele, Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, você que criou os seres humanos com absoluta bondade, o curador de nossas almas e corpos, atenda agora às súplicas de seus filhos e nos salve da ameaça que impede o mundo.

Pois essa aflição se espalhou ferozmente e o medo da morte nos cercou. Muitos sofreram e muitos faleceram, e não há ninguém para nos salvar, exceto você, ó Senhor. Sabemos, Senhor Misericordioso, que tudo isso cultivará nossa fé, como lhe imploramos, clamando em total arrependimento. Desfaça, ó Senhor, os efeitos perigosos do vírus e cure todas as pessoas, como um Senhor da Graça.

Para aqueles que descansam em paz, descansem na Tua morada celestial. Conceda paz ao mundo, para que todas as pessoas saibam que você é o único Deus e que seus fiéis não estão presos à morte, mas que vivem para sempre. Pois tu és a nossa esperança e toda a nossa vida está nas tuas mãos benevolentes. Amém. No amor de Cristo.

Dom Theodore Elias Ghandour

Bispo de Apamea- Vigário Patriarcal para o Vicariato Patriarcal Antioquino da Igreja Católica Apostólica Ortodoxa no Rio de Janeiro

Visões dos bispos das Igrejas orientais em tempo do Coronavirus

Dom Edgard Madi

“E tudo se torna bom para quem ama a Deus...” *S. Paulo (Rm 8, 28)*

Tudo está mudando com esta pandemia Coronavirus: o mundo, os hábitos, os valores, a história dos seres humanos.

Estas mudanças têm duas portas: uma que leva o mundo a ser mais humano, a aproximar-se de DEUS e a outra que torna o ser humano mais egoísta e afastado de Deus.

Quem ama a Deus transforma tudo em bem, disse São Paulo. O amor de Deus em nós muda o coração humano, tornando-o mais manso, bondoso, mais humano, cheio de Amor, Amor divino que, apesar da nossa fraqueza, vai levar-nos para mais perto de Deus, dar mais alegria ao nosso coração neste momento difícil, mais confiança na presença de Deus-Pai que nos dá força e nos abre as portas para um futuro melhor.

Vamos confiar em Deus-Pai, Todo-Poderoso, criador do Céu e da terra. A Ele toda a honra e toda a glória pelos séculos dos séculos. AMÉM.

Dom Edgard Madi

Arcebispo da Igreja Maronita no Brasil



Informação segura: ativo intangível nas crises

Marisa Avogadro Thomé

A informação, matéria-prima de diversas atividades, desde o jornalismo até as forças de segurança, é um ativo intangível na economia do conhecimento e um dos pilares da comunicação nos momentos de crise, como os tempos atuais, frente à emergência sanitária no mundo.

As novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC) e, principalmente, a Internet, permitem o acesso a milhões de informações, sem barreiras de tempo e espaço, com: liberdade, anonimato, ubiquidade, simultaneidade, páginas confiáveis e não confiáveis. Uma sociedade real coexistindo com uma sociedade virtual e apresentando características das NTIC que dão vantagens à cibercultura e que também apresentam desvantagens e estabelecem uma situação de polaridades.

A informação em si constitui um valor agregado da economia e o uso de novas tecnologias e o acesso à informação não são equitativos, desde as possibilidades de conhecimento que o usuário tem delas até a maneira de apresentar os materiais. Se encontram informações gratuitas, pagas, privadas e públicas; de fontes confiáveis e de procedência duvidosa.



Na mídia, que mudou sua narrativa mediante a utilização de novas tecnologias, podemos estabelecer as mesmas situações de polaridade já mencionadas nos parágrafos anteriores.

Os meios instalados na Internet, redes sociais, entre outros, permitem-nos conectar com amigos, família, estudar; promover desenvolvimentos científicos e, ao mesmo tempo, são usados por pessoas sem escrúpulos para realizar fraudes, difundir informações falsas, revoltas sociais, etc.

Por esse motivo, é necessário lembrar a importância de sempre ter informações: confiáveis, pertinentes e seguras, em todos os momentos, não somente nas crises, e verificar as fontes de informações; seja por dedicar-se ao jornalismo ou como usuário da Internet.

Ficamos com uma pergunta à espera de uma resposta: ¿seremos capazes de escolher postulados éticos na difusão de informações, para continuar caminhando pela vida, uma vez que o isolamento social abra as portas para um mundo diferente?

Marisa Avogadro Thomé
Mestranda em Comunicação e Educação

Reflexões sobre a vulnerabilidade

Dr. Roberto Curi Hallal

Sofremos um duro golpe quando a vida nos mostra que o virtual se transforma em real. Nossos conceitos da monstruosidade, familiarizados com o mal, o feio e o diferente, de repente adquire uma cara conhecida e se chama vírus, desconhecido.

No centro, as pessoas, os que seguem, os que desistem, os que circulam, os que buscam um salvo-conduto, os que buscam uma harmonia que coincida a vida, com o medo. Todas as forças se combinam para ajudar com o necessário distanciamento. Em época de crises falamos mais de sepulturas do que de berços. Por isso nossa responsabilidade aumenta quando nos encontramos com nossas vulnerabilidades.

É quando nossas impotências exigem encontros para desenvolvermos balanços, velhas e novas ideias, nossos céus, purgatórios ou infernos pessoais.

O extremo da crise gera tentativas de:

- manter-se ligado à vida de qualquer forma;
- tentar negar o medo da perda definitiva da vida, do trabalho ou da família;
- a ideia de que em algum lugar é diferente;
- buscar uma explicação coerente para diminuir o desconcerto provocado pelas mudanças radicais.

O que todos vivemos nestes dias é sabido, entre a ameaça interna e a externa sofremos um duro golpe quando a vida nos mostra que o imprevisível fragiliza e que a nossa imaginação em qualquer momento abandona o virtual e se assusta com o real, brotando o que tememos. Inesperadamente nossos conceitos da monstruosidade, familiarizados com o mal, o feio e o diferente, de repente adquire uma cara conhecida.

Cuidar significa um investimento afetivo, pois sem ele estaremos falando de prestação de serviço. Os vírus ignoram classes, contagiam uteis e inúteis, beneficiados e excluídos.

Falemos de algo pouco destacado na atual situação, o que o confinamento e a solidão temporal e espacial impostos possam desencadear. Há uma ruptura na vida cotidiana de todos.

O verdadeiro fator condicionante ao êxito e à saúde mental é a coincidência entre ideal e real, entre intenção e ação, entre emprego e vocação, entre as satisfações individuais e coletivas. **(cont)**



Reflexões sobre a vulnerabilidade

Esconder tesouros íntimos é a regra principal dos segredos e do zelo com que se os guarda. Entre a privacidade imposta e o tempo sem metas, o desafio será sair ileso nessa negociação com a ameaça do sofrimento e da morte.

Não faltarão nunca os estimulantes do exibicionismo transformando a morte alheia em exposição perversa, os manipuladores de números, os oportunistas que roubam e mentem, os especialistas em coisa alguma que vivem de corromper a paz alheia.

O encontro consigo exige um ato de parceria delicada para uma cultura que não tem o costume de valorizar sentimentos, nem olhar para dentro de si na busca introspectiva de considerar o valor da autonomia de espaço e de tempo. As ausências ou as presenças excessivas manifestam egoísmo ou intromissão exaltando históricos de cada pessoa. Uns retomam vínculos estreitos, outros toleram a manutenção.

Saúde mental não tem nada a ver com desacertos mentais, mas sim, com habilidades para a vida, hoje executado nos projetos sociais sobre ética com crianças e adolescentes. O instinto de auto conservação oferece a angústia sinal, que protege contra perigos internos e externos, isso significa uma atitude de colaboração da natureza humana com a vida. Em outros se exalte a negação desta angústia sufocando-a com a euforia do herói que enfrenta o risco com exibicionismo exacerbando uma fortaleza que nem sempre têm e se erotizam com o risco da morte.

Eles estão presentes nos acidentes e nos fracassos de repetição. A vida quando levada como um acúmulo de imprevistos tende a perder força. Assim muitas vezes se cria um espírito de perdas contínuas que levam a uma prevenção contra a vida, uma desordem encurtando futuros. Alguns se comportam como se uma ruptura contínua desmorroneasse o equilíbrio e esta descontinuidade cortara a raiz das esperanças.

A dor social surge quando se somam a falta da esperança no futuro e nenhuma perspectiva de mudança. A vida é composta de ganhos e perdas, em ambas as circunstâncias nem sempre os humanos estão preparados para aceitá-la, uns sofrem porque não alcançam realizar seus sonhos e outros sofrem porque não toleram o conquistado. Instalam-se e mobilizam grandes quantidades de energia para dar sequência à natureza que em cada ser humano revive e através dele insiste em sobreviver.

Recomenda-se coragem a quem da vida faça uso porque ela tem muitos efeitos colaterais, provoca o riso, inventa novos caminhos, reedita a esperança quando não se acredita em mais nada, nos oferece a paixão inesperada. Não se pode falar mal da vida ou tratá-la como algo descartável. **(cont)**



Reflexões sobre a vulnerabilidade

Porque os humanos fazem dano a si mesmo e aos demais com muita facilidade e a sobrevivência do amor e da vida depende da parceria, a vida não resiste às trapaças, pede coerência para um bom convívio e nos faz elo entre a origem e o destino. Sendo, portanto, válido saber-se que nunca se alcança definitivamente um estado de paz e que para sua manutenção e construção a vida exigirá permanentes cuidados, assim como de projetos para evitar o desapego.

O sentido de viver só se sustenta se for cotidiano, o resto é excesso de imaginação. Sem a esperança não há projeto futuro e sem futuro não há porque se lutar. Desta forma observamos em momentos de crise, que a desistência de muitas pessoas tem como consequência a depressão própria dos “sem saída”. Aqueles que se encontram em vulnerabilidade física ou mental, anterior ao surgimento do vírus merecerão um cuidado especial.

Sempre que se ofereça protagonismo ao ser humano atenderemos a dor física, mental e social. Entretanto a medicina dos medicamentos e das técnicas, sem dúvida úteis, não poderá ter uma leitura excludente de outras demandas, a dor mental, lamentavelmente minimizada e desprezada na sociedade ocidental, só se ocupa dos fenômenos da alma em situações extremas e mesma assim sempre individualizando tratamentos, entretanto os humanos necessitam cuidados, eles se complementam, uma tratamento sem cuidados é uma prestação de serviços, assim como a questão social, com sua versão econômica já discutida no momento atual, inclui a versão da leitura paternalista em relação aos vulneráveis.



Vulneráveis são os que não têm água potável, esgotos tratados, ar contaminado, os mal amados, os desvalorizados, os invisíveis, a alimentação mínima para manter a saúde. Uma educação de saúde preventiva que nada tenha com ameaças, mas sim com vínculos vitais, relações amorosas, momentos comemorativos, projeto de vida permanentemente atualizado, construirá competências para a vida, isto é saúde preventiva.

Então nos deparamos com uma razão traumática que é o desconhecimento da vida real, da falta de uma leitura antropológica que revele o modo como cada um vive. A Medicina que considere a globalidade de leituras evitará o infantilismo como o que se provoca nos idosos e nas crianças nivelando-as como se fossem um único organismo produzidos em série, podendo ser limitados e encerrados como se a idade determinasse a resistência dos organismos de todos. A manipulação dos conceitos impõe a ditadura da virulência sem respeitar a fortaleza da resistência, nem todas as pessoas acima de 60 anos são vulneráveis, muitos estão no auge de suas produções e competências somando experiência e conhecimento, pessoas com níveis de cautela e de autonomia que dispensam o paternalismo assistencialistas. (cont)

Reflexões sobre a vulnerabilidade

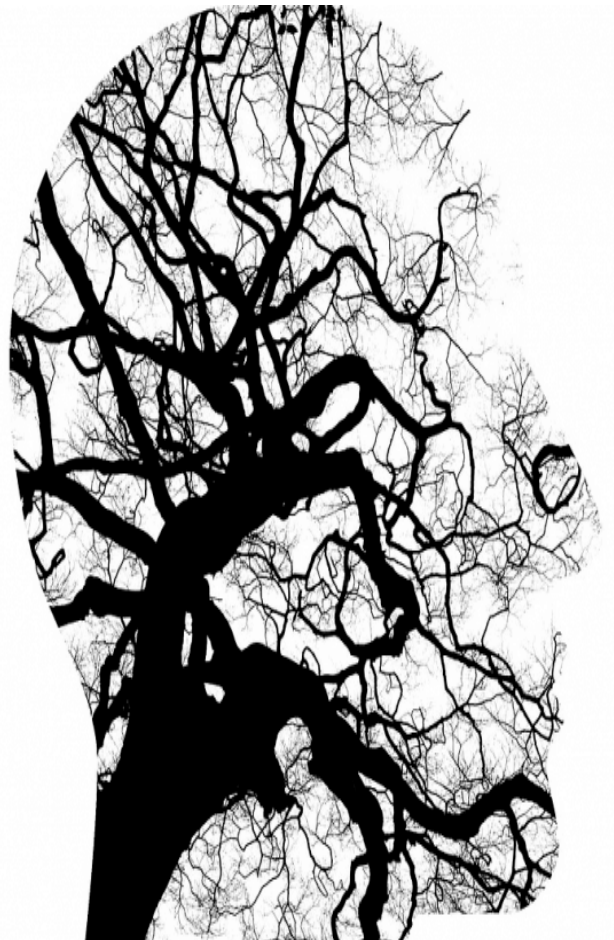
Sendo pessoas ativas em suas vidas pessoais e públicas sobre o trauma do encerro equivalente aos dos sequestrados que nunca sabem do momento que serão libertados. Esta incerteza desenvolve ações irracionais e tormentos em todos, em maior ou em menor grau, momentos de luto esperam elaborações.

A experiência não é o vivido, mas o que fazemos com isso. Introduzo o conceito de prevenção constante de cuidados com a vida como um bem precioso a ser preservada e desfrutada. Também nos comunica a brevidade temporal da existência individual. Razão maior para que tentemos buscar formas de preservação da nossa espécie, e se possível com menos pobreza e menos desigualdade.

As situações adversas nos levam a afirmar que para perigos coletivos há somente soluções coletivas. O grupo humano sempre encontrou saídas para as suas crises. Ao longo de sua história, a desesperança deu lugar à esperança, a ignorância à sabedoria, a guerra ao armistício, o confronto à mediação, a escuridão à luz, à luta ao consenso, a trapaça à ética e por último, o segredo se romperá dando lugar ao grito que restaure a soberania das virtudes, e que elas voltem a valer mais do que os vícios.

Durante as crises, devemos lutar constantemente para jamais perder a esperança.

Dr. Roberto Curi Hallal
Psiquiatra



O caráter das redes sociais na pandemia

Alice Bulus

Em um período de quarentena global, causada pela pandemia do novo coronavírus, as redes sociais têm se mostrado como uma válvula de escape para ter contato com amigos e família, bem como uma grande fonte de entretenimento.

A sociedade está paulatinamente se tornando dependente das redes sociais e o COVID-19, por sua vez, promete acelerar este processo. Devido ao isolamento, os indivíduos se viram na necessidade de se conectar entre si pela única maneira viável: a internet.

Sendo assim, as redes sociais estão atuando como protagonistas nos lares e provendo cada vez mais distrações, a fim de amenizar a dura realidade que nos está sendo imposta.

As famosas *lives*, shows ao vivo feitos por artistas famosos em suas respectivas casas, promoveram um engajamento virtual de diversas gerações em proporções nunca antes vistas ao redor do mundo, apesar de serem velhas conhecidas dos mais jovens.

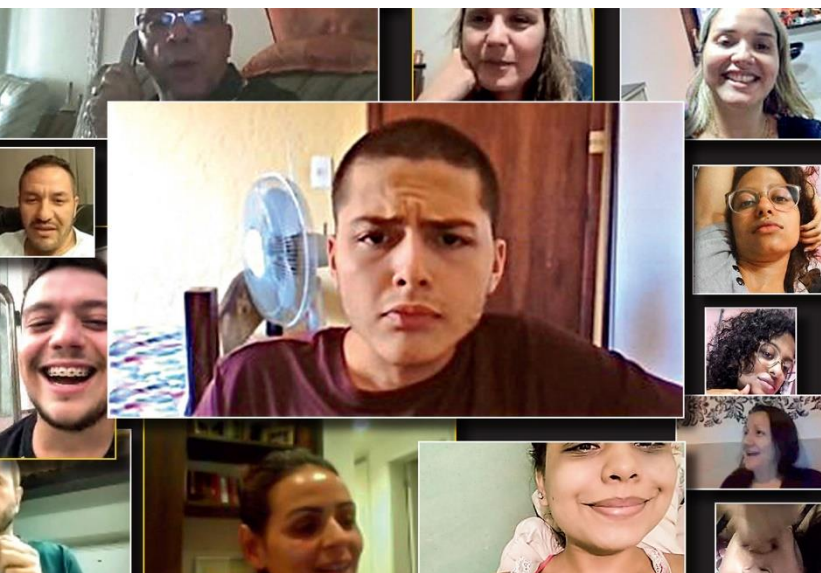
As redes também são responsáveis pela aproximação, ainda que virtual, de familiares e amigos durante uma quarentena, algo inédito na história da humanidade.

Concomitantemente, o ambiente virtual atua como grande provedor de informações incessantes sobre os mais variados assuntos, usá-las com sabedoria definirá o seu perfil nas redes sociais como um todo mas lembre-se, neste ambiente ninguém está isento de críticas. Entretanto, a intensificação das relações virtuais entre os indivíduos não trazem somente benefícios, ainda que maiores que os malefícios. Assim, o que se observa atualmente é uma grande polarização entre internautas no que diz respeito aos mais variados assuntos, causando inimizades entre familiares, amigos e até mesmo desconhecidos.

Sim, acredite se quiser. Aqueles mais experientes nesse meio preferem abster-se de alguns debates, prevendo futuros ataques pessoais que o mesmo poderia gerar. Não obstante, as discussões são intermináveis, desgastantes, repletas de meias-verdades e, na maioria das vezes, propagações de ódio aos divergentes. As redes sociais em uma pandemia são, portanto, um ambiente de duas faces. Por um lado, o internauta tem acesso aos mais variados conteúdos de entretenimento e informações, sendo capaz de se divertir, aprender sobre novos assuntos que não dominara, aprimorar habilidades, entre outros.

Entretanto, é necessário ser cauteloso para não transformar essa experiência em algo de caráter negativo ao adentrar-se em desagradáveis embates com os demais internautas, fazendo com que o estresse com a condição presente de isolamento torne-se cada vez maior.

Alice Bulus
Professora de Literatura



As relações humanas pós-Covid-19

Marco Antonio Bulus Maiolino

A COVID-19 é uma realidade árdua e representa muito mais do que o presente pode demonstrar. As consequências da pandemia atual transcendem a sua existência, uma vez que seu impacto na sociedade perdurará independentemente de um futuro controle total do vírus. Dessa forma, a maneira pela qual os indivíduos adaptar-se-ão às novas circunstâncias é de extrema importância.

Em primeira análise, as relações de trabalho sofrerão mudanças notórias. Em meio ao isolamento social, empresas foram obrigadas a reinventar, através da modernização (home office, delivery, e-commerce, etc.), o seu modus operandi, a fim de escapar da falência iminente.

Sendo assim, as interações sociais promovidas pelo trabalho tendem ao declínio devido à individualização dos serviços. Atualmente, não é mais uma “utopia” viver em uma sociedade na qual o indivíduo pode ter acesso através da internet aos mais variados serviços, desde uma refeição de qualquer restaurante de sua preferência até o mais desejado dispositivo eletrônico, sem qualquer necessidade de pisar fora de casa, nem mesmo para trabalhar.

Nesse contexto, a COVID-19 atua como um agente catalisador no processo de modernização social, uma vez que este já estava em andamento.



Em contrapartida, a nova realidade supracitada não afetará com tamanha intensidade a Geração Z, definida pelos nascidos entre o fim de 1992 e 2010. Familiarizados com a expansão exponencial da internet e as inovações, a pandemia fá-los-á refletir sobre a sua condição humana dentro de uma sociedade colaborativa.

Paradoxalmente, por estarem amiúde conectados virtualmente, muitos deles sofrem com a falta de intimidade com a comunicação verbal, gerando certa dificuldade em estabelecer relações interpessoais. Apesar disso, viver em um mundo no qual o isolamento social não é mais uma opção, e sim uma obrigação, pode gerar bons frutos para tais indivíduos que não estavam acostumados a observar os efeitos de um esforço comunitário em prol de um objetivo em comum e, principalmente, ao desenvolvimento do altruísmo nessa geração.

Em suma, a pandemia de COVID-19 afetará a sociedade incisivamente no médio e longo prazo e a ramificações das suas consequências moldarão o futuro da humanidade, assim como a literatura atual de outras pandemias evidencia o caráter transformador das mesmas. Em outras palavras, o futuro não é mais como era antigamente.

Marco Antonio Bulus Maiolino
Estudante de Economia-UFRJ

O Novo Mundo

Adel Abou Rejeili

Vivemos hoje entre dois mundos: um que passou e um que está por vir. Do mundo velho, iremos sentir muita saudade; do novo mundo, este nos dá a impressão de que vamos perder muito de nossa liberdade e de nossas aspirações, pois seremos ferramentas de manipulação em nome de ditaduras disfarçadas de democracias. Tudo isso é o resultado da egoísmo, ganância e ambição do homem.

O coronavírus é uma realidade que veio e foi usado em favor dos interesses das grandes potências para que possam subjugar os pequenos países, além de sequestrar seus bens e riquezas em nome de sua ajuda. Assim, os povos tem que se unir em torno de suas terras e nações e reconstruir o que foi destruído, senão o caminho será a escravidão.

Quando se colhem as colmeias das abelhas, é como se forçassem os trabalhadores a entrar no paraíso: colocam roupas especiais e máscaras e depois fazem fumigação com fumaça sufocante para afugentar as abelhas, com medo de sua reação e de serem picados, e é assim que eles conseguem o mel.

Essa é a situação do Coronavírus.

O mundo velho nos deu adeus; nos mostrou que o que fizemos, o que construímos foi até um certo ponto, até o fim da curva. As naturezas acabaram reagindo, a natureza da vida e a natureza humana.

Estamos hoje no meio de uma Guerra, entre os limites de uma multidão buscando o resgate de seus sonhos e de seu estilo de vida, e o poder da sua verdadeira visão para formar e encontrar uma nova maneira de viver. É uma luta para alcançar uma realidade que está vindo, que está mostrando a sua cara, que está retirando a máscara imposta pelo Coronavírus.

Como disse o General e filósofo chinês, Sun Tzu: “Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas”.

Adel Abou Rejeili

Presidente da Câmara de Comércio Líbano-Brasileira do Rio de Janeiro



Os sem Nome

Maria Fernanda Diehl Bitar

Aquele grito silencioso dos "sem nome";
As vozes silenciosas daqueles que estão
soltando sua última oração em solidão;
Os olhares dados por seres que se tornam
"números", sem sobrenome;
Os últimos abraços que não foram dados
por distâncias forçadas na vastidão;

Aquele silêncio tão cheio de barulho, tão
manchado de dor;
Tempos de estar unidos, mas separados,
contradição que nos habita nessa luta para
viver;
Estatísticas e tempos de curva, tabelas e
cálculos ao dispor;
Os sem nome que marcam um presente
para nós, aqueles que saem sem essa
palavra,
sem aquele abraço, em silêncio, sem fazer
barulho, sem saber...

Surgem a alma daqueles que podem ouvi-
los e ouvir seu nome;
Tempos de pandemia, mas não vamos
esquecer seus nomes, sua humanidade,
sua história, seu cerne...
Tempos de iluminação entre tanta
negligência e crueldade,
daqueles que esquecem que para ser uma
borboleta, ela tinha que ser antes um
verme.

Maria Fernanda Diehl Bitar
Consulesa do Líbano no Rio de Janeiro



ACOMPANHE NOSSOS PRÓXIMOS E-BOOKS

www.riobeirute.com.br/ebooks



**CONSULADO GERAL DO LÍBANO
RIO DE JANEIRO**

